

**O FALAR SERTANEJO  
PRESENTE NA MÚSICA NORDESTINA**

*Marcelo da Silva Sá (UFF)*

[marcelosmandu@hotmail.com](mailto:marcelosmandu@hotmail.com)

*Maria Francisca Moreira Sobreira (FAFIA)*

[mariafrancisca58@yahoo.com.br](mailto:mariafrancisca58@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho propõe-se a fazer um estudo da linguagem na canção “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, ícones da música popular brasileira, destaques na música regional da geração de 45. O objetivo do estudo é analisar os fenômenos linguísticos que ocorrem no falar sertanejo, presentes na música nordestina, com base em pesquisas sociolinguísticas de alguns autores como: William Labov, Fernando Tarallo e Marcos Bagno e Maria Cecília Mollica. O estudo revela que os compositores da canção “Asa Branca” utilizaram a linguagem regional, que pode ser percebida através da presença do português não padrão e variações linguísticas em nível fonético, fonológico, morfossintático, lexical e semântico. Pretende-se também, com essa análise, resgatar uma parte da cultura vinculada ao sertão, que ainda se mantém viva.

**Palavras-chave:** Falar sertanejo. Sociolinguística. Variação linguística.

**1. Introdução**

A língua apresenta caráter social e histórico. Alguns fatores como heterogeneidade e dinamismo fazem com que ela sofra transformações. Uma das propostas da sociolinguística é observar e analisar a língua em seu uso real, as variações linguísticas e suas realizações na sociedade ou em um pequeno grupo de falantes. As variações podem ocorrer por diversos fatores: região, idade, classe social, religião, escolaridade, profissão, entre outros. Verifica-se variações nos aspectos fonético, fonológico, morfológico, sintático e lexical.

Considerando a importância de estudar as variações linguísticas presentes no português do Brasil, e em especial no falar sertanejo, propõe-se apresentar a análise dos fenômenos linguísticos que ocorrem na canção “asa branca” dos compositores Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, uma vez que o cantor Gonzaga conseguiu levar através da música nordestina as expressões típicas do sertanejo para diferentes regiões e classes sociais.

A análise se baseia nos pressupostos teóricos da Sociolinguística e em conceitos aqui discutidos especialmente por Labov (1987), Bagno (2005), Mollica (2003), Votre e Cezario (2009) e Tarallo (1986).

## **2. A sociolinguística**

A sociolinguística ou “sociolinguística variacionista” se desenvolveu nos Estados Unidos em 1960, liderada pelo linguista William Labov. Para Labov, a língua é o principal objeto de estudo da Sociolinguística. A língua como instrumento utilizado pelas pessoas na comunicação do dia a dia.

Segundo Votre e Cezario (2009), a sociolinguística é área da linguística que estuda a língua considerando sua realização real, que pode sofrer interferências de elementos sociais e culturais.

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente de contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. (VOTRE & CEZARIO, 2009, p. 141)

### **2.1. A variabilidade linguística**

Mollica (2003) afirma que com o advento da sociolinguística, deu-se ênfase a variabilidade linguística, que se realiza na evolução constante da sociedade, portanto, a língua não fica livre de sofrer mudanças. Os estudos relacionados à variabilidade linguística analisa o uso real da linguagem em diversas comunidades falantes. A sociolinguística considerou “a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socio-culturais a comunidades maiores”.

A língua como fenômeno social é caracterizada pela heterogeneidade e variabilidade. Em cada comunidade de fala ocorre o uso de formas linguísticas variadas. Todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade em que todos falem da mesma forma (TARALLO, 1986)

Com base nos estudos sociolinguísticos, pode-se afirmar que a língua portuguesa não se apresenta de maneira homogênea. Ela além de variar nos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático e lexical,

também recebe a influência de outros fatores como região, idade, classe social, religião, escolaridade, profissão, entre outros. Esses fatores contribuem para o surgimento de variações ou falares com identidade própria e características peculiares.

A variação linguística é observada em realizações orais que podem sofrer interferências de elementos sociais. Essa variação pode ser encontrada em letras de canções, em especial nas compostas por Luiz Gonzaga, que trazem marcas da oralidade através de linguagem regional, reflexões sociais, influências da cultura e tradições do Sertão.

### *2.1.1. Variações lexicais*

Variações lexicais são mudanças que a língua sofre no aspecto lexical, ou vocabulário usado pelos falantes de diferentes regiões geográficas, para denominar o mesmo objeto, que às vezes, é desconhecido em regiões próximas ou distantes. Por exemplo: A mandioca tem outras variantes lexicais no país. Para alguns falantes do Nordeste é macaxeira, para outros do Sul, aipim.

### *2.1.2. Variações fonético-fonológicas*

Variações fonético-fonológicas são variações relacionadas a pronúncia de determinados fonemas da língua. Essa variação pode ser explicada pelo fator da miscigenação da população desde os tempos do Brasil colônia.

### *2.1.3. Variações morfológicas*

Esta variação ocorre na constituição do vocábulo, seguindo as normas gramaticais da formação das palavras.

### *2.1.4. Variações sintáticas*

Este tipo de variação é encontrado na constituição das estruturas sintáticas, que podem estar em conformidade ou desconformidade com as normas gramaticais, esse processo depende do nível social e de escolaridade do falante.

### **3. Língua, dialeto e falar**

Os conceitos de língua, dialeto e falar são muitas vezes, equivocadamente, confundidos como similares ou semelhantes, mas, na verdade, eles se distinguem e possuem características próprias.

Para Saussure (1969 p. 92), a língua é “o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”. A língua é “uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos”.

Segundo Boléo (1943), dialeto é uma forma particular de uso da língua em determinada região (território linguístico). Estes falantes convencionam formas e particularidades linguísticas que, em muitos casos, se distinguem de formas de comunidades geograficamente próximas. Por exemplo: A mandioca tem outras variantes lexicais no país. Para alguns falantes do Nordeste é macaxeira, para outros do Sul, aipim.

O falar de acordo com Silva Neto (1963, p. 147), são particularidades linguísticas que caracterizam um grupo determinado de falantes, considerando-se a região ou classe que em que ele se encontra. Segundo o autor, há dois tipos de falar: o falar urbano, característico dos estratos sociais e o falar rural que é característico de áreas determinadas (SILVA NETO, 1963).

#### **3.1. O falar sertanejo**

O falar sertanejo não é considerado um dialeto por falta de estudos dialetológicos conclusivos. Para a análise do “falar sertanejo” foram utilizados: O dialeto caipira, de Amadeu Amaral (1920), O linguajar carioca, de Antenor Nascentes (1922), Walnice Nogueira Galvão, em “As formas do falso” (1986); obras de Guimarães Rosa (Grande Sertão: Veredas) e Graciliano Ramos (Vidas Secas) que foram escritas utilizando o “falar sertanejo”.

O “falar sertanejo” é uma das variantes linguísticas vigentes no interior do país, considerada desprestigiada e fora da norma padrão. Apesar da discriminação e preconceito por parte da classe letrada, o falar sertanejo é muito utilizado no Sertão.

#### 4. Análise

A canção “Asa Branca”, é um baião da música popular nordestina, foi composta por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, gravada por Gonzaga em 1974, regravação por diversos artistas. A canção mostra a vida sofrida do sertanejo, que castigado pela seca, sai de sua terra para o sul em busca de melhoria de vida, mas aguarda a chuva para retornar para o sertão.

Apresenta-se, a seguir, a análise dos fenômenos linguísticos que ocorrem na canção:

##### 4.1. Variações lexicais

O léxico de Luiz Gonzaga é composto por palavras típicas do sertão e expressões do falar sertanejo, o que pode ser constatado na canção em análise.

Nos versos 9 e 11, foram encontrados dois vocábulos arcaicos: *inté* e *entonce*.

Amaral (1955) registra a presença dos vocábulos *inté* e *entonce* como pertencentes ao falar rural. A expressão INTE corresponde a preposição ou adverbio até. A forma *entonce* corresponde ao então (adv.)

ANTÃOCE, ANTONCE, INTONCES, outras formas de então. | Cp. O arc. Entonces: “E do acabamento do livro eu dey encomenda ao lececeado frey João uerba meu confessor fazendo per outrem o que de acabar per my entonces era embargado” (Inf. D. Pedro, “Livro da Virtuosa Bemfeitoria”). (AMARAL, 1955, p. 43)

No verso “*Eu perguntee a Deus do céu, uai*” (verso 3) encontra-se uma realização típica do falar sertanejo.

Bagno (2005) afirma que o português herdou do latim os prefixos *per-*, *per-* e *pro-*, que tinham usos bem definidos em latim, mas que acabaram se confundindo em português. Esses prefixos foram usados aleatoriamente na formação das palavras da língua portuguesa ocasionando a criação de formas paralelas como *perguntar* e “*perguntar*”. Após a padronização da língua, algumas formações do português foram eleitas como as “certas” em detrimento das outras. A forma não-padrão “*perguntar*”, é derivada do latim *precunctare*, mais próximo do espanhol padrão *perguntar*.

## 4.2. Variações fonético-fonológicas

Nas canção “Asa Branca”, verifica-se os seguintes fenômenos fonético-fonológicos:

### 4.2.1. Apócope

A apócope consiste no elemento suprimido no final da palavra. Verifica-se esse fenômeno nos versos 2, 16 e 18. No verso 2 ocorreu a queda /l/, nos demais, os verbos espalhar e voltar sofreram supressão do fonema /r/.

*Quá* > “qual”

*Vortá* > “voltar”

*Espaiá* > “espalhar”

### 4.2.2. Iotização

Verifica-se a iotização nos seguintes casos:

*oiei* (verso 1);

*fornaia* (verso 5);

*oio* (verso 17);

*espaiaá* (verso 18).

Amaral (1955) afirma que o fonema /lh/ vocaliza-se em /i/ e que esse fenômeno é muito comum na linguagem rural.

Nascentes (1953), considera que “o l palatalizado (lh) constitui uma dificuldade para a classe inculta”, isto se deve ao fato de, no período de formação da língua portuguesa, esta classe (formada predominantemente por índios e negros) não o pronunciarem corretamente devido à ausência deste fonema em suas línguas. Dessa forma, “a dificuldade da pronúncia do l palatal é evitada com a supressão do elemento vibrante, ficando só a semiconsoante que em alguns casos concorreram para a palatalização.

#### 4.2.3. Rotacismo

Fenômeno em que a consoante /l/ é alterada para /r/, ocorre o rotacismo nos versos “*nem um pé de prantação*” (verso 6), “*Pra mim vortá pro meu sertão*” (verso 16), “*Se espaiaá na prantação*” (verso 18) e “*Que eu vortarei, viu meu coração*” (verso 20).

#### 4.2.4. Processos fonológicos por transposição

No verso 3, encontra-se a variação não-padrão “*preguntei*”. Esse um caso de transposição. O processo fonológico por transposição é também conhecido como metátese. Esse fenômeno ocorre quando há alternância de segmentos dentro do vocábulo. Portanto, verifica-se no verso 3, um caso de transposição.

*Preguntei* > “Perguntei

#### 4.2.5. Variações morfossintáticas

No trecho “*Pra mim vortá pro meu sertão*” (verso 16), Luiz Gonzaga usa variações em desacordo com as norma gramaticais da língua portuguesa.

*Para mim* > “Para eu”.

*Pro meu* > “para o meu”

#### 4.2.6. Ausência de concordância nominal

Foi registrado apenas um caso da ausência de concordância nominal: *muitas légua* (verso 13). Segundo alguns estudiosos é comum a falta de concordância no português não padrão.

Amaral (1955) registra que no “dialetto caipira” o fonema /s/ final indicando plural desaparece. A pluralidade dos nomes é, geralmente, indicada pelo determinante (*muitas légua*, verso 13).

Bagno (2005) registra uma regra simples encontrada no Português não-padrão: Marcar uma só palavra para indicar o plural. Essa marca indicadora de plural pode ser o artigo ou na ausência dele, a palavra pluralizada pode ser um substantivo ou adjetivo.

Melo (1981) mostra a tendência, no português não-padrão, da pluralização apenas do primeiro determinante da oração, como muitas léguas (verso 13). Ela defende que essa simplificação na pluralização sofre influência das línguas africanas na formação do português no Brasil e que se acentua quanto mais baixa for a classe social dos falantes.

Nascentes (1953) afirma que no falar urbano, também ocorre a queda do fonema /s/ quando indica pluralidade, desaparecendo no final do vocábulo e a indicação do plural “pelos pronomes-adjuntos ou pelos numerais que precedem o substantivo” (NASCENTES, 1953, p. 81)

#### 4.2.7. *Negativa repetida depois do verbo*

Registra-se no verso 19, a negativa repetida depois do verbo: *num chore não* (v.19).

NUM, forma inculca da negação "não".

Amaral (1955) registra no “dialeto caipira” que o emprego da negativa “não” repetida depois do verbo, parece puro brasileiro, mas era utilizado por escritores portugueses na era medieval.

Este serão glorioso

Não he de justiça, não.

Gil Vicente (Auto da Barca do Purg.)

### 5. *Considerações finais*

Após a análise dos fenômenos linguísticos encontrados na canção Asa Branca, verifica-se que esses “desvios” comparados com a norma padrão, estão relacionados, não só a fatores sociolinguísticos, mas também históricos.

Atualmente, o falar sertanejo ainda é discriminado e considerado como língua sem prestígio, usada por pessoas sem instrução, que não sabem português o padrão e falam “tudo errado”. Pode-se afirmar que a música nordestina também sofre preconceito e discriminação, o que pode ser constatado na modificações feitas em regravações e correções da letra original da referida canção para torná-la mais próxima da norma padrão. Contudo o dialeto sertanejo, apesar de não haver registros oficiais que comprovem, é muito utilizado por falantes da zona rural e na literatura de

cordel. Acredita-se que os autores de “Asa Branca” tiveram a pretensão de divulgar o falar sertanejo, através da canção.

Analisando o falar sertanejo e ampliando a análise às demais variantes da língua, verifica-se que o valor e a supremacia de uma variante do português sobre as outras é determinado pela classe dominante, aquela que goza de maior grau de letramento e prestígio, por consequência, são excluídas ou avaliadas negativamente as variações que se distanciam da norma da culta. É inegável que o domínio da norma padrão é importante pois ela é utilizada nas comunicações oficiais, em ambientes acadêmicos, na literatura em geral, nas repartições públicas, enfim, em qualquer comunicação formal.

O dialeto faz parte do patrimônio de uma região, tem valor histórico, assim como tradições folclóricas, musicais e outras. Se cabe ao falante do dialeto a sua preservação e valorização. Luiz Gonzaga procurou fazê-lo através da sua música.

Sugerimos que outros pesquisadores se debrucem sobre o assunto a fim de fazer outras pesquisas que resultem no registro dialetal do falar sertanejo.

## **Anexo**

**V1 Quando oiei a terra ardendo**

**V2 Quá fogueira de São João**

**V3 Eu perguntei a Deus do céu, uai**

**V4 Por que tamanha judiação**

**V5 Que braseiro, que fornaia**

**V6 Nem um pé de prantação**

**V7 Por farta d'água perdi meu gado**

**V8 Morreu de sede meu alazão**

**V9 inté mesmo a asa branca**

**V10 Bateu asas do sertão**

**V11 intoce eu disse adeus Rosinha**

**V12 Guarda contigo meu coração**

**V13 Hoje longe muitas légua**

**V14 Numa triste solidão**

**V15 Espero a chuva cair de novo**

**V16 Par mim vortá pro meu sertão**

V17 Quando o verde dos teus oio  
V18 Se espiáá na prantação  
V19 Eu te asseguro não chore não, viu  
V20 Que eu vortarei, viu  
V21 Meu coração

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1920.
- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália* (novela sociolinguística). São Paulo: Contexto, 2005.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. *Brasileirismos: problemas de método*. Coimbra: Coimbra Editora, 1943.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986
- LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 09-14.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad.: A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.